

A modernização compulsória da sociedade carioca do começo do século XX

Herculanum Ghirello-pires^I

A autora do livro – Rosane Feijão – é formada em arquitetura pela Universidade de Brasília e possui mestrado em Comunicação Social pela PUC-Rio. Tem uma orientação de pesquisas voltada para História da Moda com enfoque no Rio de Janeiro no início do século XX. Sua formação diversificada lhe fornece ferramentas necessárias para uma análise diferente da de outros estudiosos do tema.

A obra é o resultado das inquietações geradas no período condizente a *Belle Époque* carioca. Temporalidade em que o Rio de Janeiro, capital da república, sofria grandes transformações creditadas ao rompimento dos antigos moldes econômicos – fim da escravidão (1888) – e políticos – advento da República (1889). Tais acontecimentos levaram a cidade a uma ruptura com os costumes e hábitos coloniais de outrora e a uma modernização da mesma.

Dividido em quatro capítulos, na apresentação, a autora esclarece que o mesmo surgiu de duas pós graduações, uma especialização e um mestrado. Por meio de pesquisas no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), na Biblioteca Nacional (BN), Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa e na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa (ABI).

Posto isso, no primeiro capítulo: “Crenças e desejos que levaram à reforma da cidade”, segundo a autora, a moda está ligada ao crescimento das cidades, principalmente no século XIX, que é o momento em que a mesma, que antes era voltada para apenas a aristocracia, se populariza.

No Brasil esse momento de crescimento das cidades está ligado à vinda da corte às Terras Tupiniquins (1808). Nesse período “burgueses e negociantes, moradores das cidades, que haviam desenvolvido uma riqueza desvinculada de terras, começaram a receber mais atenção e apoio do rei”^{II}. Esse fortalecimento da burguesia, apoiado pelo rei e pela II Revolução Industrial - do avanço tecnológico dos meios de comunicação e das artes – iria ser responsável pela quebra dos moldes senhoriais e a inserção de ares cosmopolitas.

Resenha recebida em 13/04/2014 e aprovada em 17/10/2015.

Assim, pelo anseio de tal burguesia a cidade deve se modernizar para se tornar a altura da mesma. Movidos por um desejo de equiparação aos países europeus. Essas mudanças e inovações serão sentidos na estética e na arquitetura do Rio. Doravante, as casas coloniais apertadas darão espaços a casas e ruas largas com jardins e calçadas. Isso junto com as políticas de higienização de Pereira Passos.

Com isso, durante o período de modificação da cidade, condizente a indumentária, o Rio sofria influência da moda europeia e da moda oriental, por meio de artigos luxuosos que chegavam ao país devido ao tráfego de escravos vindos da África. Após essa injeção de capital proveniente da adequação do Rio de Janeiro no cenário capitalista mundial na cidade - proveniente da adequação do Rio de Janeiro no cenário capitalista mundial - e enraizamento da burguesia a moda passa a se aproximar mais do modelo europeu tanto na arquitetura quanto na moda

Neste sentido, no capítulo seguinte, “A reforma urbana e a ‘regeneração’ civilizadora”, a autora demonstra que tal regeneração se fez justamente pelo fator econômico. Ou seja, o Rio de Janeiro começou a se modernizar primeiramente pelas regiões portuárias para garantir o escoamento e a vinda de mercadoria de outros países. Deste modo, a cidade cresce, surgem mais trabalhos e se mais veloz e moderna.

Desta reconstrução portuária três avenidas foram construídas: Avenida do Manguê (Francisco Bicalho), Avenida do cais (Rodrigues Alves) e Avenida Central (Rio Branco). De tal reconstrução e construção o governo pretendia atender a quesitos de “regulamentação das construções de áreas reformadas, canalização de rios, normatização das atividades em suas ruas e, é claro, gerenciamento dos recursos disponibilizados para tal empreitada”^{III}

A construção da Avenida Central levou a desocupação e retirada de famílias que viviam em cortiços e casarões. Foi aqui, na Avenida Central, que a visibilidade foi motivo crucial. Chegando ao ponto de levarem apenas em conta a estética das edificações e não suas tarefas funcionais. Com apartamentos nos andares superiores e loja no nível térreo. Tal avenida seria o cartão postal do Rio e representaria modernidade, velocidade, requinte e civilização. Construída sobre os moldes arquitetônicos parisienses. O ecletismo estava visível tanto nos edifícios quanto na moda.

Neste sentido, os locais públicos de lazer, como cafés e livrarias, também sofrem transformações. Redecorados pela art nouveau. Porém, “mulheres honradas nunca deveriam entrar em um café, bar ou restaurante. Mesmo nas confeitarias, sua frequência só era admitida até as 17 horas”^{IV}. Depois de tal horário a cidade se transformava para o público masculino.

Assim, a Regeneração significava saneamento, e saneamento seria tudo aquilo que deveria ser reformado fora do plano físico, ainda contando com a saúde. Ou seja, a cultura popular e os costumes que se ligavam a antiga cidade deveriam ser extintos.

No capítulo 3, “A moda e a modernidade”, Rosane Feijão concentra sua análise nas modificações exercidas pela modernidade carioca na indumentária da sociedade. Divido em duas partes: indumentária masculina e indumentária feminina.

Condizente a indumentária masculina da época, a mesma foi sendo influenciada pela moda inglesa dos campos e da cidade. Faziam agora parte dos acessórios os fraques, casacas e redingotes. Roupas comuns a burguesia e que foram feitas para a prática de esportes ingleses. Principalmente o fraque, usado em cavalgadas. Tais vestimentas tinham que manter um

caráter da figura masculina de hombridade. Neste sentido, vale a pena ressaltar que, essa figura séria do homem foi proporcionada pela “Grande Renúncia Masculina”^V.

Após a Revolução Industrial a roupa masculina passou a se tornar escura, perdendo o seu requinte e se tornando séria, proporcionado pela sua situação de trabalho. Isso fez com que quem se apossasse da figura de requinte, ornamentação e futilidade fossem a figura feminina. Dessa forma, o espaço público ficou reservado ao homem de roupas sóbrias de trabalho, demonstrando uma posição de respeito, e a mulher voltada ao particular, serviço doméstico e aos requintes dos bailes.

Sendo assim, a vaidade masculina ficou direcionada aos acessórios, como barba e bigode, bengalas e também o “*hobbe*” doméstico. E condizente ao público e a modernidade das cidades, lhes foi apresentado o paletó, que veio a ocupar o lugar das casacas, redingotes e fraques no início do século XX, que era o reflexo dessa velocidade e mobilidade dos grandes centros. Esses homens citadinos que conseguiam unir elegância e modernidade eram chamados de *Smart*. Porém, enquanto os homens tentavam passar despercebidos, a indumentária feminina do começo do século XX se apresentava justamente ao contrário: “a fragilidade” e a dependência das mulheres desse tempo transpareciam em trajes complicados e fartamente ornamentados”^{VI}.

Através dessa diferenciação da indumentária a mulher acabava se recluindo a poucos afazeres. Enquanto o homem, por sua vez, tinha toda flexibilidade proporcionada pela roupa e que se refletia na sociedade. O homem ficava ajustável à sociedade, público, e a mulher aos afazeres domésticos, privado.

O momento em que a mulher burguesa casada se tornava pública, era nos momentos em que sua beleza deveria ser destacada em eventos sociais. Docilidade, meiguice e sensibilidade por meio de fitas e laços deviam ser ressaltadas. A roupa para o momento, final do século XIX e o breve início do XX, era definida por espartilhos, saias pesadas, cava muito estreita, recheadas de anáguas mais pesadas. Deste modo, fica fácil entender como tal figura a ideia de flexibilidade ao desenho masculino.

Neste sentido, é importante frisar que, “as formas ou posturas que o corpo adquire, além de influenciadas pelo vestuário, podem também ser fruto do estilo de vida, da ocupação ou do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade”^{VII}. Deste modo, uma mulher podia chegar a trocar de roupa 8 vezes por dia. Essa troca de roupa excessiva podia significar, pra época, uma legitimação do status social dessa mulher. Uma vez que, apenas mulheres pertencentes a elite poderiam usufruir de uma troca excessiva de roupas. A indumentária servia como meio de estratificação, diferenciação e reconhecimento social.

Ao caminhar do século XX, mais precisamente durante a segunda década, “a ânsia por velocidade, pedindo corpos mais ágeis e dinâmicos, acabou pondo fim a mais de setenta anos de reinado do espartilho”^{VIII}, processo esse que vai se intensificar após a I Guerra Mundial. A vida na cidade requeria rapidez nos movimentos. Os novos meios de transporte, como os bondes elétricos, exigiam cautela, agilidade e atenção das pessoas. O jeito de se caminhar também mudou, dando espaço ao “passo inglês” e ao “andar à americana”, um modo mais rápido e desconexo com o espaço, típico das cidades grandes.

O interessante é que esse processo proporcionou formas de se vestir diferentes, isto é, a mulher direcionou o seu vestir para os olhos da sociedade, enquanto o homem conduziu seus trajes para o meio privado, de modo a exercer seu domínio patriarcal sobre sua família. Neste sentido, tais costumes e modo de vida cotidiana repercutiram nas indumentárias criando

sentidos para feminilidade, repercutindo na sociedade e na moda da época. Porém, ambas indumentárias se adequaram as mudanças, se modernizando e se tornando mais velozes de acordo com o meio.

Assim, as diferenças de indumentárias masculina e feminina podem ser analisadas como reflexos da sociedade carioca. Neste sentido, entramos no último capítulo, “A imprensa: apoio e sustentação da reforma”.

A imprensa teve papel fundamental durante a *Belle Époque* carioca. Era através de periódicos, como a revista *Fon-Fon!*, que se formava a opinião da burguesia. Os mesmos também representavam a tentativa de criar uma identidade para o Brasil, devido ao processo de modificação dos moldes econômicos e políticos pelo qual o país havia passado.

“Revistas mundanas, colunas sociais, imprensa feminina e artigos sobre moda e comportamento nos diversos jornais da época empenhavam-se em instalar na cidade um cosmopolitismo que abrangia os menores detalhes da vida cotidiana”^{IX}. A reforma tinha o apoio das revistas, cronistas, jornais e jornalistas da época, inclusive de artistas, que endossavam medidas institucionais de higienização, como o uso obrigatório dos sapatos, que correspondiam aos novos ares da cidade.

Neste sentido, “a imprensa dedicada à moda não atuava, portanto, apenas na comunicação de informações: ela era também responsável pela transmissão de um processo de disciplinas”^X. Essa disciplina representava a formação da identidade dessa nova elite carioca que havia se formado após a queda da antiga elite rural, como já foi dito no início do livro.

Por ser um jornalismo de lazer e tratar de roupas e estética, tais periódicos como a *Fon-Fon!*, não encontraram muitas barreiras para a propagação de suas ideias sendo absorvidos sem grandes resistências. Essas ideias, de como se vestir e manter a aparência, eram importadas da Europa e geralmente eram expostas nas revistas como uma forma de manual de como agir e se vestir em público. “As elites importavam sua própria aparência de outra cultura e dependiam do aval de personagens devidamente credenciados, para avaliar se suas escolhas haviam ou não sido de bom gosto”^{XI}. Isso explica, mais uma vez, o caráter didático dos periódicos, que acabavam produzindo um discurso educativo. Por falta de referências a nova elite, da recente república, surgiu a necessidade de importar uma imagem, uma cultura, de “de como ser” para criar sua identidade. Essa importação chegava a tanto que alguns artigos da *Fon-Fon!* eram meras traduções que acabavam por não condizer com a realidade climática carioca.

Quando as praias começam a fazer parte da paisagem carioca, devido a reforma e a construção da Avenida Beira Mar, surgiu uma remodelação dos costumes, principalmente sobre o corpo das pessoas. Corpo esse, ligado aos meios e quem se vive e que se tem acesso. A praia surge como um local da beleza corporal e difusora da moda. “O corpo da moda dos anos 1910 deixou de ser aquele conseguido por artefatos externos, como espartilhos ou anáguas estruturadas: ele era agora moldado pelo movimento”^{XII}. Desse encontro com a praia e o culto ao corpo se acabava por produzir moda tipicamente carioca, sem abandonar os padrões europeus.

No entanto, é possível de se analisar que, *Belle Époque* carioca não foi apenas uma apropriação da imagem de Paris. E sim, uma remodelação de costumes, visíveis na arquitetura e na moda, uma ressignificação, da recém reconstruída cidade. Foi à busca por uma identidade nacional.

Mesmo com tal importação de ideias e imagens da Europa, a *Belle Epoque* carioca foi o momento em que se buscava uma identidade nacional. A República havia sido implantada e a pressão por se equiparar as civilizações do Velho Mundo era constante. Dentro disso, os periódicos foram responsáveis por, de certa forma, encontrar essa identidade e ao mesmo tempo influenciar e constituir os alicerces dessa ordem vigente. Visto que a apropriação da imagem de Paris não pode ser interpretada como sendo uma cópia da tal, mas como sendo um exemplo para a cidade do Rio. Uma vez que, a mesma se encontrava em rebuliço e criação de identidade devido ao rompimento com as antigas formas de governo na política (monarquia) e na economia (escravidão).

A apropriação das roupas como objetos de debate, já que as mesmas estão inseridas na sociedade, traduzem-se como construções de feminilidade e masculinidade. É visível a preocupação da autora quanto a isso. Uma vez que, segundo sua análise, a indumentária tende a passar por mudanças quando a sociedade sofre essas mudanças. Isso em uma época em que o país passava por mudanças profundas nos seus costumes, devido à importação de ideias vindas da Europa, principalmente de Paris.

No livro, os capítulos conversam entre si e, desse modo o debate ganha densidade e é enriquecido pela formação diversificada da autora, por suas opções teóricas, metodológicas e epistemológicas e pelo estilo narrativo e extremamente didático. Neste sentido, ao que devemos ficar atento é a pluralidade de ideias que dialogam entre si, promovendo um debate riquíssimo. Mesmo que a autora não tenha formação histórica isso não interfere na qualidade quanto ao debate e a pesquisa histórica dentro da mesma.

Isto posto, a análise é promovida principalmente no âmbito cultural, uma vez que aborda os objetos e temas bastante sensíveis do cotidiano, como a arquitetura e as roupas, que acabam perpassando também pela sociedade e economia. O que chama a atenção no livro, o que vale a pena ser ressaltada novamente, e em sua estrutura: é a diversificada formação da autora, que concomitante ao desenvolver do mesmo é de suma importância, pois acaba promovendo um debate riquíssimo perpassando como uma linha suturando o objeto pelas mais diversas vias de análise.

Finalmente, considero ser uma obra de grande importância ao estudo da história da moda e da arquitetura, visto que nos leva a pensar e refletir sobre o rebuliço cultural da primeira república, mas sobre um aspecto, e um objeto, que diverge de estudos anteriores. Nos permitindo pensar sobre as noções de gênero e o impacto na sociedade e no cotidiano.

Por fim, acredito que a obra cumpriu seu dever. Pois acaba respondendo as inquietações no decorrer da leitura e ao estudo que ela promove. Fazendo uma abordagem sensível, de um período também sensível, corroborando para o estudos históricos sobre diversos temas como moda, mulher, homens, arquitetura. Assim, contribuindo para os mesmos.

Notas

^I Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: herculanumpires@gmail.com

^{II} ROSANE, Feijão. “Moda e modernidade na belle époque carioca”. São Paulo: Estação das letras e cores, 2011, p. 25 – 26.

^{III} Idem, p. 53

^{IV} Idem, p. 60

^V Idem, p.93

^{VI} Idem, p. 108

^{VII} Idem, p. 85

^{VIII} Idem, p. 128

^{IX} Idem, p. 133

^X Idem, p. 147

^{XI} Idem, p. 138

^{XII} Idem, p. 156

Referência Bibliográfica

FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2011. 175 páginas.